

Introdução

Toda comunicação implica um processo de co-construção de significado. Falante e ouvintes têm, portanto, um papel ativo no sucesso ou fracasso de uma comunicação, cuja interpretação é baseada nas dimensões social, emocional e referencial (Schiffrin, 1994, p. 386).

Dado o caráter negociado e situado do significado, especialistas (cf. Martins, 2002) afirmam ser quase um milagre a possibilidade de compreensão mútua mesmo entre falantes da mesma língua. A dificuldade de ocorrer esse milagre parece maior em encontros em que os falantes de diferentes L1 se comunicam por meio de uma língua diferente de suas línguas maternas: uma língua franca (LF). Os participantes de uma interação em língua franca, além de utilizarem os elementos de suas culturas nativas e individuais, também adquiriram e utilizam aspectos culturais e normas da variante aprendida. A quantidade de normas e conhecimento de mundo envolvido em uma interação em que uma língua é usada como franca pode variar consideravelmente.

Os estudos sobre encontros em língua franca têm apontado mais para questões de uso da língua. Como exemplo, cito as pesquisas de Seidlhofer (2005, 2008), em que a pesquisadora e seu grupo de estudo fazem uma extensa descrição linguística do inglês como língua franca, com o foco na variação linguística e a de Jenkins (2000), que desenvolveu um estudo que foca a fonologia e o seu uso baseado em padrões de L1 ou não, quando o inglês é usado como língua franca.

Pesquisas de caráter interacional incluem autoridades na área como Firth (1996) e Meirkord (2000). Firth (1996) analisa conversas telefônicas de negócios, em inglês, entre falantes de diferentes línguas européias. O autor usa ferramentas da Análise da Conversa Etnometodológica como base metodológica para suas análises, a fim de explicar como as interações são sequencial e socialmente construídas. Seu estudo tem por objeto as marcas do discurso (fonológicas, morfológicas e sintáticas) com a finalidade de identificar as anomalias. Meirkord

(2000) analisa ferramentas do discurso em uma atividade de fala específica, o *small talk*.

De um modo geral, a literatura sobre encontros interculturais, mediados ou não por uma LF, tem enfatizado os aspectos que tornam a compreensão mútua mais problemática. Mas, como já sinalizava Meirkord (2000), as comunicações em que se usa o inglês como língua franca são mais marcadas pelo sucesso do que pelo insucesso. Neste trabalho, eu me proponho a investigar este lado da moeda, buscando identificar quais são os mecanismos que os falantes usam nesses encontros para sinalizar esforços de cooperação.

O meu interesse pelo tema deve-se à percepção que, em dados encontros, a cooperação e não o conflito orienta a ação dos participantes. Essa percepção se deve a minha experiência, por dois anos, como estudante da Universidade de Viena, utilizando o inglês como língua franca em encontros de serviço nessa universidade e em outras interações com participantes que possuíam o inglês como L1 e participantes que não possuíam. Nesta mesma universidade, no Departamento de Inglês, a pesquisadora Bárbara Seidlhofer, junto com sua equipe, desenvolve um projeto (VOICE) de descrição do inglês como língua franca. Este projeto consiste em um banco de dados de transcrições de diferentes eventos que foram disponibilizados *online* para pesquisadores de todo mundo interessados na área. Como minha experiência com língua franca foi realizada no mesmo ambiente em que algumas dessas situações foram gravadas, optei por trabalhar com esses dados.

As contribuições da Análise da Conversa Etnometodológica me levaram também a definir uma unidade de análise para investigar como a cooperação é co-construída intersubjetivamente. Schegloff (2000), ao buscar uma ferramenta que explicasse a administração das sobreposições durante a fala, chama a atenção para certos tipos sobreposições que não são considerados problemáticos, como as sobreposições terminais, os continuadores, os fenômenos classificados como de acesso condicional para o turno e o coro. Os conceitos de sequencialidade, sobreposições, troca e gerenciamento de turnos são capazes de mostrar o que acontece em uma dada interação, num momento específico, tendo como pergunta-chave “por que isto agora?” (Schegloff et al., 2002, p.5). Esses conceitos possibilitam a apontar, destacar e compreender os pontos em que a interação se apresenta como bem-sucedida.

Mas, os estudos realizados por esta vertente apresentam uma característica comum que me chamou a atenção: estudos de interações em que os falantes possuem a mesma L1 (Jefferson, 1984, 1986, 2006; Sacks, Schegloff e Jefferson, [1974]2003; Schegloff, 1999, 2000). A ACE não foca seus estudos em interações que englobam falantes de L2-L2 e falantes de L1-L2 (McKay, Bokhorst-Heng, 2008, p.155).

O objetivo deste estudo é, portanto, examinar até que ponto a sobreposição ocorre em contextos de cooperação ou de conflito, num encontro em que o maior ou menor domínio do inglês como língua franca e as diferenças das normas culturais dos falantes de L1 podem tornar mais difícil a compreensão mútua.

A fim de alcançar esse objetivo maior, objetivos intermediários foram traçados:

- (i) Identificar a estrutura do tipo de atividade realizada no do encontro de serviço analisado; e
- (ii) Mapear os tipos de sobreposição que ocorrem em lugares relevantes e não relevantes para a transição de turnos.

A fundamentação teórica desta pesquisa baseia-se nos conceitos de língua franca apresentados e representados por House (2003), Seidlhofer (2005), Jenkins (2005) e McKay e Bokhorst-Heng (2008). As contribuições sobre o tipo de atividade são apresentadas através da visão de Levinson (1992) e Sarangi (2000). Além de ser usado como pressuposto teórico, as contribuições da Análise da Conversa Etnometodológica são usadas como metodologia para a análise de dados. Para o estudo e análise das sobreposições foram utilizadas as teorias de Jefferson (1981, 1984, 1986) e Schegloff (2000).

A fonte de dados é um corpus linguístico disponibilizado *online* pelo projeto VOICE, como já mencionado anteriormente. Desse corpus, foram escolhidas interações caracterizadas, pelos pesquisadores, como encontros de serviço. A unidade de análise dos dados é a sobreposição. A pesquisa é de base qualitativa e interpretativista.

Este estudo objetiva, portanto, oferecer uma contribuição para pesquisas tanto relacionadas ao uso do inglês como língua franca e à comunicação intercultural, quanto ao estudo das sobreposições.

O trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo 2, é apresentada a fundamentação teórica que norteia este trabalho. No capítulo 3, são fornecidas as informações sobre a metodologia da coleta de dados e transcrição desenvolvida pelo projeto VOICE. Num segundo momento, são apresentadas as informações referentes às situações escolhidas para análise.

No capítulo 4, são apresentadas e delineadas as características e estrutura dos encontros de serviço analisados, de acordo com as observações e fenômenos correntes no tipo de atividade em questão.

No capítulo 5, são desenvolvidas as análises das sobreposições encontradas nos encontros de serviço estudados. São analisadas as sobreposições que ocorrerem no movimento de abertura, estabelecimento e resposta ao pedido e fechamento da interação.

No capítulo 6, o das considerações finais, busca-se apresentar o resultado geral das análises, responder às questões iniciais, assim como sugerir novos caminhos para este tipo de pesquisa.